

PAULO ABE

UM CORPO DIVISÍVEL

EDITORA PENALUX

Guaratinguetá, 2019



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

EDITORACÃO ELETRÔNICA: Karina Tenório

IMAGEM DA CAPA: © Depositphotos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A138c ABE, Paulo. 1987 –.
Um corpo divisível / Paulo Abe – Guaratinguetá, SP:
Penalux, 2019.

106 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-518-8

1. Contos I. Título.

CDD: B869.93

Índice sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Ninguém

A história que contarei ainda não aconteceu. No fundo, talvez fosse a primeira de tantas de seu tipo. Porém, temo que esta ainda acontecerá a daqui quase setenta anos. Sim, um longo caminho nos separa de seu presente. Mas como eu sei disso? Tive um sonho. Uma revelação onírica. Não raro sou atacado por tais premonições, me esqueço delas e, quando realmente acontecem, sua lembrança vem na forma de um *déjà vu*. De modo que na verdade as memórias apenas adormecem, principalmente aquelas que vieram do próprio universo dos sonhos. Já até mesmo escrevi sobre o tema em um de minhas tantas ficções. No entanto, este sonho teve um intimismo muito maior do que qualquer outro até então, do que qualquer história até agora escrita por mim. Sempre diferenciei tais visões dos verdadeiros fatos por um ano. Esta era a medida do sono dessas lembranças do futuro. Apenas no próximo ciclo seriam convocadas à mente. Mas esse do qual lhes falo foi particularmente diferente, mais significativa de alguma forma e ainda permanecerá por se saber se realmente foi ou não um olhar para o futuro.

Esse relato começa mesmo antes de tal sonho. Mas, não nos apressemos, me apresento aqui de uma maneira a fazer sentido o que vou lhes contar: meu nome é Paulo e tenho um irmão gê-

meo desde que adentrei este mundo. E o adentramos juntos. Por vivermos em uma família de japoneses, tivemos uma infância difícil. Ou talvez a dificuldade viesse antes mesmo da questão nipônica. De qualquer maneira, tudo somava-se à cultura que nos influenciava em nossa época. Sempre competíamos um com o outro, apesar de até certa idade sermos melhores amigos. Inseparáveis. Éramos constantemente inimigos e seu contrário. Um pêndulo do afeto. Assim são as crianças. Mas em certo momento dos vinte anos, eu parei com a competição, diferentemente de meu irmão que pareceu nunca ter cessado tal empresa. Na verdade, essa sombra sempre nos perseguiu, pois, uma vez iguais, tínhamos de ser diferentes. Essa era nossa razão. Mas apenas isso não bastava, já que tínhamos é que ser melhor que o outro na realidade. *Nossa* realidade. A comparação. Já se imaginou viver com alguém que tem o seu rosto, a sua voz? De maneira que fomos sempre pseudo-antagonistas de cada um. Também não era de se estranhar, uma vez que por ser o mais novo de três irmãos, ele sempre era o último a escolher as coisas: a cama, a escova de dente, a toalha. A hierarquia funcionava perfeitamente até entre as crianças. Coisas pequenas, mas que se acumulam com o tempo e transformam qualquer pessoa.

Com pais de uma geração sem muita formação e antiquada – só conheciam a hierarquia e a obediência –, desde criança nós éramos vistos com as mesmas roupas, éramos a mesma pessoa, duas faces de uma mesma entidade, dois lados antagônicos ainda que de um mesmo organismo. Nas mais antigas fotos de nossa infância, era claro ver-me de roupa amarela ou verde e meu irmão de azul, apenas azul. Ainda que as estampas das roupas fossem as mesmas, contribuindo para uma falta de personalidade e uma individualidade tardia em nossas pessoas, tal escolha alheia de *nossas* cores influenciou nossas vidas para sempre. Éramos iguais, mas éramos diferentes.

Lembro-me muito bem de quando pudemos escolher nossas roupas pela primeira vez. Tínhamos 10 anos. Por causa de uma infância violenta física e psicologicamente, escolhi uma camiseta que tinha uma cobra como estampa. Hoje analisando, creio que a ideia de poder dar o medo aos outros do mesmo modo que sentia me aliviaria um pouco do mundo tão ruim no qual vivia. Era uma forma de totem, um objeto mágico de proteção. No fundo, talvez pedisse para as pessoas olharem os olhos da cobra e não os meus; para sentirem medo dela e não de mim; me deixarem em paz. Meu irmão escolhera também um animal temeroso, ainda que não me lembre qual. Ambos éramos duas vítimas de uma instituição chamada família. E isso influenciou-nos para sempre, mesmo que depois da separação de nossos pais tivéssemos a chance de nos reinventarmos.

Mas, voltando ao sonho, nele eu tinha noventa anos e meu irmão setenta. Tal fato não fazia sentido e, no universo onírico, só poderia ser explicado pelo fato de que eu havia vivido e minha metade, o outro rosto de minha existência, havia morrido. Era como se olhar no espelho e não haver um reflexo. O leitor talvez com dificuldade entenda minha situação. Eu não nasci como os outros, nunca tive a oportunidade de ser apenas eu, pois em qualquer superfície reflexiva, meu irmão também a preenchia. Vivemos juntos nossas vidas todas e mesmo na solidão de um banheiro a ecoar apenas o silêncio em seus azulejos, lá estava ele no espelho. Ali, ainda que morto, vivia. Meu irmão mais novo. Sim, apesar de termos vindo da mesma célula, do mesmo organismo unicelular, ele saíra do ventre de nossa mãe dez minutos depois. Eu sempre teria dez minutos a mais da luz do mundo que meu irmão e isso nos definiu.

Claro que com o tempo nossos corpos se diferenciaram um pouco, mais alto, mais baixo, mais forte, mais magro, mas era

óbvio até aos mais desatentos que vínhamos da mesma luz, que vínhamos da mesma sombra. No sonho, estava há vinte anos e dez minutos já sem meu irmão mais novo, Marcos. Ficava lembrando de todas as brigas por coisas que simplesmente eram decididas pela hierarquia sanguínea, quantas desvantagens ele havia recebido sem qualquer argumento racional. Talvez não fosse à toa que fosse o mais revoltado à sua maneira, o que mais tivesse que se provar, o que mais possuía de certa forma ego. Afinal, seus próprios irmãos o castigavam, como se já não bastasse nossos pais. A má educação era mais contagiosa do que pensávamos e praticávamos na horizontalidade nosso sofrimento vertical.

Quando nascemos, os médicos por erro ou por experiência fizeram uma marca para nos diferenciar, para meus pais não dependerem apenas das roupas sempre, já que no banho juntos não éramos distinguíveis. Assim, na hora de cortar meu cordão umbilical, minha primeira cicatriz, deixaram um tanto a mais, uma bolinha, enquanto que meu irmão tinha o umbigo inteiramente para dentro. Tudo isso foi de extrema ajuda para os meus pais, mas me nomeando Paulo Ricardo por causa de um cantor que poucos anos depois ficou famoso por sua relação com as drogas, minha mãe em mais uma das suas irracionais escolhas da vida, ficou meses ou talvez anos chamando ambos de nós de Marcos com vergonha de alguém olhar para mim e ver na verdade o cantor famoso com problemas. Ou melhor, apenas um drogado. Eu, um bebê. Outro golpe contra nossa individualidade. Digo “nossa”, pois meu irmão sequer tinha um nome próprio, enquanto eu não tinha uma identidade, era somente um anônimo, um nominado por empréstimo, um engano.

No sonho, depois de vinte anos sem meu irmão, fui visitar antigos álbuns de fotos de família, que em verdade haviam sido roubados pela minha mãe quando saiu de casa, após

o divórcio. Observava com nostalgia tal infância em que nós pensávamos que esse mundo tinha muita coisa boa a nos oferecer, onde nos suspendíamos de alegria até logo cairmos na realidade, na violência de pais para seus filhos, de irmãos mais velhos contra irmãos mais novos, de pessoa contra pessoa. Lobo contra lobo. Então, em uma foto percebi... dois bebês, um de roupa amarela, outro de azul. A ordem era clara e me perguntei se podia me diferenciar pelo rosto. Não estava obtendo sucesso. Mas logo olhei o de azul e percebi que mostrava sua barriga com o umbigo de bolinha, o outro, o de amarelo, tinha um buraco no meio da barriga. Paralisei-me. Fixei meu olhar como se a realidade fosse se transmutar diante de mim, mas não. Estávamos trocados. Folheei outras fotos e a situação se invertia múltiplas e múltiplas vezes. Em uma foto eu estava de verde, minha cor, em outra eu estava de azul, a cor de meu irmão mais novo. Na próxima, estava de amarelo, na seguinte ainda de azul com o mesmo umbigo aparecendo. Para minha surpresa, em realidade não havia qualquer regra para nos diferenciar. Para os meus pais éramos qualquer um e, por fim, não éramos ninguém. Não sem razão minha mãe tinha fugido com esse álbum que só encontraria neste sonho. Era sua última vergonha. Mas então observei as datas de tais antigas fotos do final dos 80 em busca desta origem. E na minha derradeira primeira aparição em uma fotografia, lá estava eu depois de nascer com o umbigo pra fora e de azul, cronologicamente sequestrado. Imediatamente vi-me, caro leitor, frente à lápide de meu irmão Marcos. Mas nada daquilo fazia mais sentido, pois a realidade era muito mais terrível. O horror de meus pais não havia por fim ficado no passado, mas atravessado invisivelmente o tempo e me acertara no futuro, anos depois de suas próprias mortes. Sentia que eu transmutava. De baixo daquela terra que eu pisava não estava meu irmão mais novo, mas meu

irmão mais velho Paulo, aquele que por 90 anos pensei ser eu. E este morto na verdade sou eu, Marcos, o filho mais novo injustiçado. Por instantes que não pude conceber, senti minha vida profundamente fora de lugar, havia vivido uma vida que não era minha por *direito* e senti a estrondosa covardia pelo qual meu irmão viveu e morreu sem ter consciência. Sentia-me desaparecer. Lembrei-me de todas as coisas as quais escolhi primeiro e justifiquei por ser o filho mais velho. Eram coisas pequenas que se escondiam atrás de uma opressão sem limites em que sequer estava em posição de tê-las em tal ordem. Mas no fundo repudiei a injustiça do mundo e o maldito destino. Senti-me nauseado. Morrera e sequer percebera. Nunca soube quem eu era. E agora neste instante não tenho o mínimo direito de o ser. Não sou nem Paulo, nem o jovem Marcos. Já estou enterrado sob uma pedra sem nome.

Então, eu acordei e naquele instante de emersão não me perguntei onde estava, mas primeiramente:

“Quem sou eu?”.

Olhei para meu umbigo e não vi nada.

O relâmpago

Esta história está entre a ficção e a biografia; a ilusão e a realidade. Tal encontro se poderia chamar de um estado dicotômico, uma paradoxo que em seu pendular interno procura contradizer-se. No entanto, lá está ela, a história, e nós, seres humanos, ainda somos passíveis de compreendê-la.

Há tantos anos quanto eu estou vivo sei que possuo um irmão gêmeo. A vida da infância de tais irmãos pode ser maravilhosa em diversos sentidos. Você nunca conhecerá a solidão. Seja onde for, seja o que assistir, com o que brincar, você terá um companheiro, um amigo, um irmão, um idêntico. Era mais do que o mero olhar no espelho, uma espécie de reflexo tridimensional que se pudesse interagir.

No entanto, com a família opressiva que nós tínhamos, essa reprodução contra nós mesmos não tardou para também ecoar em nossas ações. A infância tem dessas coisas do esquecimento e uma briga de um dia é a amizade de amanhã. Nada pode quebrar um laço de família, ainda que para nossos pais esses laços talvez sequer tivessem nascido.

Como acontece com todas as crianças, porém, elas crescem e novos ambientes, situações, pessoas são conhecidas. Tudo isso somado à história de cada um, a rivalidade infantil foi o

Este livro foi composto em Sabon LT Std
pela Editora Penalux e impresso em papel
pólen soft 80 g/m², em maio de 2019.
